

O Canabarro

TUDO PELA LIBERDADE



NUM. 1364

ANNO XVII

RIVERA
REPUBLICA O. DO URUGUAY

DIRECTOR: - PAULINO VARES

Administrador: - A. Pereira dos Santos

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS E DOMINGOS

O CANABARRO

ASSIGNATURAS
PARA O LIVRAMENTO
MEZ 2\$ - SEM. 10\$ - ANNO 18\$
PARA FÓRA
SEMESTRE 12\$ - ANNO 20\$
PARA ESTA REPUBLICA
MEZ 0.50 - SEM. 2.50 - ANNO 5.00

Nº do dia 10 centésimos.

Apostados, editores, annuncios
trabalhos typographicos,
argumentos adequados, as-
sim como das assignaturas.

ALERTA, POVO!

Lemos, ha mezes, em um jornal
castilhista, um artigo em que o au-
tor procurava levar ao espirito dos
leitores a convicção de que é infun-
dada a antipathia que o povo vota á
dictadura; que essa antipathia provém
da falsa interpretação dada a esse
tema que é erroneamente confun-
dido com *tyrannia*, enfim, tues
argumentos empregava o articulista
em favor da sua these, que, estamos
certos, si o povo lesse o referido ar-
tigo, perderia a ogeriza que tem á
dictadura e pediria de mãos ergui-
das que o felicitassem com essa li-
bertria e adiantada forma de gover-
no.

Ha pouco tempo lemos em outro
jornal, tambem castilhista, uma mal
di-faregada apologia á dictadura que
segundo deduzimos do que lemos,
o ideal dos povos cultos e adianta-
dos.

Não prestamos maior importancia
a tales escriptos dos quizes, mesmo já
nos não lembrava-mos, quando co-
meçaram a circular boatos de planos
sobre dictadura. . . Sendo apontado
como candidato ao cargo de dicta-
dor o famigerado Julio de Castilhos,
que, seja dito em seu abono, justifi-
ca a escolha, pelas provas que tem
dado de sua natural aptidão para el-
le, acudiram-nos á memoria os allu-
didos escriptos. Não foi, talvez, co-
mo pensavamos, sem segunda inten-
ção que tales escriptos sahiram a lu-
me; os auctores da dictadura prepa-
ravam o terreno. . . faziam seus ba-
lbes de ensaio, procurando desfazer
no espirito do povo a *idea falsa* que
ello tem da dictadura.

A vinda do Sr. Barbosa Lima ao
Rio Grande do Sul para conferen-
ciar com o indigitado futuro dicta-
dor, prende-se, segundo os boatos
correntes, no plano esposado pelo
Club Militar de acclamar a dictadu-
ra, como si já não fossem demasia-
das as desgraças que hão pesado so-
bre a infeliz patria brasileira nestes
ultimos doze annos.

Pode isso tudo não passar de bo-
atos, mas tudo leva a crer que algo de
verdade haja nas vertôes propala-
das. Como quer que seja, porém, é
necessario estar alerta, para que o
tem desceido, ó povo, não facilite a
realização do negregado plano.

A hyena do Sul talvez não baste
o sangue rio-grandense e ella ambi-
ciona um theatro mais vasto para as
suas canibalicinas.

Alerta, povo! Já sabes quem é Ju-
lio de Castilhos, o verdugo do Rio
Grande do Sul, o sanguinario pro-
vocador da guerra civil, o perverso
corruptor do caracter de seus patri-
cios; o ambicioso sem escrúpulos
que não escolhe os meios para acen-
tuar riqueza, do que tens a prova

na aquisição do palacete que elle se
faz offerecer pelos seus apauiguados;
já sabes a fundo quem é esse Rosas
a quem se pretende fazer arbitro su-
premo dos teus destinos, teu senhor
de barão e cutello. . . São por em-
quanto boatos cuja veracidade ne-
gam os idolatras do tigre sulino; mas
põe-te em guarda, povo! A fera pó-
de dar-te o bote fatal á traição, e--ai
de ti! -- si lhe caes nas garras. A-
lerta, pois!

E tu, Rio Grande, faze-te senti-
nella da grande patria no perigo que
a ameaça; si for verdade que desal-
mados pensam em preparar-lhe um
futuro de maiores desgraças, collo-
cando nas mãos de teu verdugo o
mando supremo, sem o freio da Lei,
salva o Brazil de tão horrivel cala-
midade. Tu que tens soffrido o má-
tyrio sem que a União estenda o
braço em teu auxilio, soccorre-a en-
tão; fecha a tua barra á salida da
fera; encerra-a; serve-lhe de jan-
la; não a deixes sahir d'aqui para
fazer pesar sobre o Brazil inteiro as
suas garras aduncas e afiadas, essas
garras que ha tanto tempo te dilace-
ram.

Que a lembrança do perigo para
teus irmãos transforme-te em ener-
gia para agir a resignação que tens
tido para soffrer; faze por amor da
grande patria o que não tens feito
por amor de ti proprio: -- levanta-
te, atira-te á luta e esmaga a hye-
na sempre sedenta de sangue.

Si em um circulo a fera enjaulada
quebra nas grades da jaula e lança-se
aos espectadores indefesos e sur-
prehendidos, aquelle que a prostrar
sem vida será acclamado o salvador
da multidão e esta o bendirá agra-
decida.

Eis o papel que te cabe, ó povo
rio-grandense, si o futuro confirmar
os boatos que semelhantes a nuvens
negras todam ainda mais o horizon-
te da Patria.

Alerta!

CARTAS A "O CANABARRO"

Amigo Paulino:

Tenho feito diversas investidas
e já cheguei mesmo a escrever cin-
co tiras de papel e assignal-as com
o meu verdadeiro nome, tratando
de assumpto que interessa ao nosso
partido e a mim, em particular.

Nessas tiras expuz com franque-
za e bastante clareza a verdade so-
bre outros factos que ali andam
correndo mundo, adulterados mis-
teravelmente; e nessas tiras eu explica-
va a verdade que os especuladores
misturados com os valentes dos
cafés, restaurantes e bilhares, têm
procurado occultar para criar emba-
rços ao reaparecimento da *Re-
forma*; e nessas tiras, finalmente, eu
convidava uns e outros, isto é, espe-
culadores e valentes, á discussão
franca e leal pela imprensa, a fim de
que o partido em peso conhecesse
a verdade e julgasse accusados e ac-
cusadores.

Depois de escriptas as referidas
cinco tiras, rasguei-as porque tive
vergonha de *lavar roupa suja na
rua*, e ainda, porque tive a ingenui-
dade de pensar que esses meninos
grandes, alguns dos quaes com as
barbas brancas, tomassem juizo e a-
prendessem a falar a verdade.

Mas, qual!

Eles são *cinquentos*, e o cinze é
um sentimento que cega e enlouquece

co mesmo; elles estão offendidos
em seu amor proprio e não racio-
nam; elles viram que foram julga-
dos com *justiça* e castigados como
iníerentes, e ficaram furiosos.

A vida da *Reforma*, nestes cinco
annos ultimos, é bem conhecida e só
mesmo a *cinzeira* vergonhosa que
ali anda, fará com que se impute
ao seu ultimo gerente a autoria de
crimes que elle não commettera.

Quem quizer conhecer a verdade,
que vá ao Banco do Commercio
examinar datos, depois digam-me
si o ultimo gerente do orgão fede-
ralista pôde ser responsabilizado pe-
lo que fizeram os seus antecessores.

A *Reforma* suspendeu a sua pu-
blicação em 1892, antes da revolu-
ção, e reabriu-se em 17 de Março de
1896 para fechar-se no dia 24 de
Abril de 1897.

Viveram somente 13 mezes, sendo
certo que nesse tempo não se con-
hecia a medonha crise destes tres
annos ultimos, e nem outras coisas
que ficam guardadas para occasião
mais opportuna.

Viveram 13 mezes e suspendeu a
sua publicação, quando foi chamado
Julio Magalhães, que viajava em
serviço do referido jornal, para as-
sumir a sua administração, e faz-la
continuar.

Confrontem o que se passou nes-
ses 13 mezes com os quatro annos e
tanto de administração do mesmo
Julio Magalhães e acabem, pelo a-
mor de Deus, acubem com os mexe-
ricos, intrigas e mentiras, espalha-
das pelo Sul do Estado, principal-
mente.

Ah! é no Sul que elles espalham
as suas conversas fiadas.

Querem tomar conta do velho or-
gão para entregal-o aos *christãos
novos*?

Pois, façam isso.

Não é esta a primeira tentativa.

Já em 1898, houve quem propu-
sesse tal desafio e HOUE QUEM
TIVESSE A CORAGEM DE ACEI-
TAL-O, e a vergonhosa capitulação
seria consumada si o grande chefe
do meu partido não passasse o tele-
gramma que passou e acha-se publi-
cado na *Reforma* dos primeiros dias
de Agosto do referido anno; si o
grande chefe do meu partido não
fosse a Porto Alegre, immediata-
mente.

Parce que querem reformar tudo
que vem do que elles chamam--gas-
parismo.

Que illusão!

A *Reforma* é um jornal feito e
tem valor, porque é o orgão da nos-
sa doutrina politica.

Mas, no dia em que ella deixar de
ser o que tem sido ha mais de 30
annos, no dia em que ella passar
para as mãos dos seus amigos ur-
cos.

E' tão dolorosa a discussão deste
assumpto, que a minha pobre pen-
na negou fogo.

Como era previdente o grande
chefe do meu partido!

Ainda hontem fui procurar para
ler uma carta que elle escreveu, de
Montevideo, em 13 de Setembro de
1896, sobre a velha e gloriosa *Re-
forma*.

Ah! elle achava preferivel ma-
tal-a do que fazer isso que querem
hoje.

Acabem com os mexericos para o
Sul do Estado, não *augumentem* as
dividas da pobre *Reforma*, não an-
dem cantando credores, que não são
credores, não responsabilisem o Ju-
lio Magalhães pelo que fizeram os
seus antecessores.

Sejam homens, tenham juizo e um
pouco de patriotismo, não provo-
quem *lavaragem de roupa suja na
rua*, digam com franqueza o que
quizerem, confessem as suas fraque-
zas e acabem com as intrigas.

Pelo amor de Deus, façam isso.

A *Reforma* viveu quatro annos e
mezes sob a administração politica
e economica do seu ultimo gerente,
Julio Magalhães, que sem dinheiro,
sem credito, sem redactores, sem
nada, sustentou-a como Deus o aju-
dou, até o dia em que ella suspende-
u a sua publicação, justamente
quando Julio Magalhães se achava
preso em Sant'Anna do Livramento.

Os grulhas que apparecem hoje,
já existiam nesse tempo; mas não
davam signal de vida e deixaram
que uma mulher rio-grandense, a
minha distinctissima e talentosa pa-
tricia Exma. Sra. D. Anna Aurora,
desempenhasse o papel que compe-
tia a esses grulhas de occasião.

Os meus patriotas eram assassi-
nados uns, estavam emigrados ou-
tros, eram perseguidos outros; a
justiça era parcial, negativa; o co-
digo de Irapuá produzia os seus ef-
feitos malignos; o jury-Izidorro fun-
cionava escandalosamente; os im-
postos cresciam todos os dias e os
grulhas contemplavam tudo com in-
differentismo e admiravel submis-
são.

Ninguém queria escrever para a
Reforma, porque, diziam elles:

Não vale a pena correr perigo
sem resultado, não somos ambicio-
sos de glorias, precisamos trabalhar
para sustentar nossas familias.

Hoje, esses grulhas surgem, não
para combater o inimigo que ali es-
tá ameaçador e arrogante, não para
defender os direitos e liberdades dos
seus patriotas perseguidos -- mas
para embaraçar os que lutam com
convicção e coragem, para intrigar e
calumniar em proveito proprio e gra-
ve prejuizo do partido.

Acabem com os mexericos para
o Sul do Estado, digam de uma
vez que não lhes convem o reap-
parecimento da *Reforma*, sob a
direcção dos velhos e dedicados ser-
vidores do partido, dos lutadores
de todos os tempos e em qualquer
terreno, dos discipulos de Gaspar
Martins.

Para que essas conversas fiadas
com o fim de illudir companheiros?

De um jeito ou de outro a *Refor-
ma* ha de reabrir as suas portas,
porque o partido ali está.

Si não for hoje, será amanhã ou
depois, e si esses grulhas (sem ex-
cepção de um só) quizeram conhecer
a verdade, si esses grulhas quizeram
saber como pensa o grosso do parti-
do e o que querem os valorosos ca-
boclos do federalismo rio-ganden-
se, aqui está o *Berira* para accom-
panhar os de localidade em localidade,
de rincão em rincão.

Sejam homens e acabem com es-
ses mexericos para o Sul do Estado,
com essas intrigas vergonhosas, com
esses *cinzes* improprios de homens
nascidos na terra de Gaspar Martins
e Portinho.

Não querem mais o programma
que defenderam até o dia em que
falleceu o grande chefe do federalis-
mo rio-grandense, estão satisfeitos
com a bandeira de Augusto Conte?

Pois digam isso com clareza.

Mudaram de idéas porque estão
com *pressa*?

Confessem a sua fraqueza, mas
não calunniem aquelles que estão
leis ao partido e sabem esperar sem
pressa.

Estão contentes com o que tem
feito o Dr. Moneyr?

Pois digam isso francamente, mas
não se esqueçam de dizer tambem,
que o mesmo doutor tinha se apre-
sentado ao conselheiro Gaspar Mar-
tins, aceitando o programma do par-
tido, sem discussão, sem nada, mes-
mo porque o grande chefe já tinha
dito que: -- *Idéas não são melas
que se fundem*.

Vamos, amigos velhos: sejam ho-
mens e acabem com os mexericos, e
digam de uma vez que estão com
pressa, mas fiquem sabendo que a
coisa ainda demora e não é com
lanbanças que se derruba o Dr. Ju-
lio.

Berira.

JUSTIÇA POLITICA

Ao observador menos perspicaz
não terá escapado uma das formas
corruptivas do nefasto regimen em
que vivemos, graças á profunda de-
turpação a que o levaram.

Referimo-nos á justiça que ora se
exerce no paiz--excepções reserva-
das--justiça vesga, estreita, sem cri-
terio, sem escrúpulo, sem pudor; jus-
tiça fundada no interesse, na tran-
sacção, no conchavo; justiça inspira-
da na conveniencia, nas relações, no
sentimento partidario e até--parece
inacreditavel!--no espirito naciona-
lista.

No espantoso naufragio em que
se debatem todos os elementos mo-
raes, tinhamos como recurso supre-
mo, para acutelar os nossos inte-
resses legitimos e dasafrontar o nos-
so direito conculcado, o braço forte
e poderoso da justiça, prompto a
desfechar o golpe sobre o mal e a
extender-se como amparo ao bem.
Pois agora nem isso. Pondo de par-
te as honrosas e immaculadas excep-
ções, que ainda ficam a assignalar a
pureza de uma quasi extincta mo-
ral-social, a justiça deixou de ser o
que era, para se engolhar nos inte-
resses politicos e agir de accordo
com o sentimento abastardado que
domina a sociedade e caracteriza a
época.

Das mais altas ás mais baixas es-
pheras da justiça reina accentuada e
profunda degenerescencia, como se
a lepra que contaminou todos os or-
gãos da soberania nacional tambem
houvesse invadido -- e invadiu de
facto -- as regiões serenas e illumi-
nadas da justiça -- derradeiro refu-
gio dos que nada mais de bom pu-
dem esperar dos homens e das coi-
sas.

Na esphera politica tudo está ex-
plorado, tudo attingiu o limite ma-
ximo do aviltamento: vendem-se as
consciencias como os taverneiros
vendem lentilhas; agitam-se as opi-
niões como a borracha nos moldes;
muda-se de idéas como o catavento
de direcção. Nada ha mais de esta-
vel, de honesto, de seguro, de dura-
douro.

Os congressos, excepções reserva-
das em honra de alguns dos seus
membros, não têm mais opinião, nem
vontade, nem independencia, nem
soberania: amoldam-se aos capri-
chos do poder executivo, como se
neste residissem todos os direitos,
toda a força, todo o prestigio. A re-
presentação deixou de ser um man-
dato para ser um enus, mas o aspec-
to de uma posição valdosa e lucra-
tiva.

Os candidatos não são escolhidos
e eleitos por merecimento, por servi-

VINHO GALOCTOGENO

FORMULA DO EMINENTE MEDICO DR.

BRUNO CHAVES

*Augmenta e fortifica o leite das
senhoras que amamentam.*

*Este vinho, pelas suas qualidades
tonicas organolepticas, ceila o cama-
go e fragueza das amas e fornece no
mesmo tempo ao systema osseo e mus-
cular das creanças elementos indis-
pensaveis a seu desenvolvimento.*

*As senhoras que durante a ama-
mentação fazem uso deste vinho
criam seus filhos robustos e sem re-
ceios dos phenomenos alarmantes de
dentição, por ser esta rapida e natu-
ral.*

Deposito no Brazil -- Drogaria
Sequeira e no Livramento na phar-
macia Andrade. (Junh.2) N.48

cos, por competencia; mas indica-
dos pelas oligarchias estadunes, ser-
vindo de titulos de recommendação
a humildade, a subserviencia, a do-
blez, a falta de escrúpulo e a elas-
ticidade do caracter. Não são elei-
tos--são nomeados, porque se o e-
leitor falta ás urnas, a pena não
falta ás actas: conforme a ne-
cessidade, conforme o numero de
votos; quantos se queira, quantos se
tem. E' só pedir ou encomendar.

E' evidente que uma representa-
ção destas tem a missa dos caixei-
ros na casa dos patões; subordi-
na-se nos interesses da casa, agita-
se nos moldes creados, faz como lhe
ordenam. A vontade propria está
subordinada á vontade alheia. O in-
teresse moral desaparece em face
do interesse material: a necessida-
de é superior ao escrúpulo. Durante
o periodo de uma sessão ninguém se
preocupa em justificar a confiança
do paiz ou interpretar os seus senti-
mentos e os seus desejos; o que se
procura é agradar aos amos e acen-
tuar perante elles a maior somma
de serviços para garantir a reeleição.
Exercer uma função representa-
tiva é, actualmente, preencher um
cargo, adquirir um emprego. Nunca
a representação desceu tanto em o
nosso paiz. Os cargos de eleição po-
pular, ainda não retribuidos, servem
de motivo para collocar afilhados o
patrocinar negocios.

Em qualquer caso, o povo entra
nisto como Pilatos no Credo: o po-
vo está ausente, não tem parte em
coisa alguma; e apesar disso, o povo
figura em tudo. A torpeza quer um
pretexto: a transacção procura um
responsavel. Quem faz a representa-
ção não é o paiz: é o poder execu-
tivo, é quem dispõe do emprego, do
dinheiro e da força. O que não vai
por bem, vai por mal. Em qualquer
caso vai. . .

Na esphera administrativa o facto
moral é o mesmo: o presidente cor-
rompe aquelles de que necessita para
chegar aos fins; e como é verda-
de que são incomparavelmente mais
os que se corrompem do que aquel-
les que se mantêm independentes, re-
sulta dahi que o presidente faz o que
quer, dispõe como lhe appetitece, or-
dena como entende, governa como
lhe apraz.

Os seus ministros não são func-
cionarios de responsabilidade defi-
nida e efectiva; são meros agentes
de confiança, individuos sem respon-
sabilidade, como os mentecaptos, os
mendigos e os ebrios, demissiveis
ad nutum; não obstante, para ac-
companhar as tendencias da época,
cada qual faz o que bem lhe parece,
arranja-se conforme pôde o aqui-
nhão os seus affectos como as
circunstancias lhe permitem.

